

INDÚSTRIA DE ALIMENTOS

FERNANDO LUIZ E. VIANA

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção, Doutor em Administração
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB

1 INTRODUÇÃO

O presente documento apresenta informações sobre a indústria de alimentos, que dentro da indústria de transformação, constitui um dos setores que abrange a maior quantidade de grupos e, por conta disso, apresenta certa heterogeneidade de características entre os grupos. O objetivo é que se possa ter um panorama recente do setor, incluindo sua caracterização, desempenho recente e perspectivas.

O trabalho foi executado utilizando-se basicamente dados secundários, acessados em publicações especializadas do setor, as quais constam nas referências. É importante salientar que, devido à heterogeneidade supracitada e às especificidades de alguns grupos, esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de alimentos, entretanto, traz detalhes mais específicos das atividades que compõem os seguintes grupos da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE): 10.3 (Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais), 10.4 (Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais), 10.5 (Laticínios), 10.6 (Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais), 10.8 (Torrefação e moagem de café) e 10.9 (Fabricação de outros produtos alimentícios). Os demais grupos serão

contemplados por análises específicas. Ademais, alguns grupos incluídos nessa análise também serão objeto de análises mais detalhadas, que incorporem uma visão mais completa da cadeia produtiva para o lado da atividade agropecuária.

2 CARACTERIZAÇÃO DO SETOR

A indústria de alimentos engloba grande diversidade de produtos, possuindo forte inter-relação com a agricultura e a pecuária, tendo em vista que esses setores constituem os fornecedores dos principais insumos utilizados nessa indústria. Devido aos insumos utilizados a partir da agropecuária, a indústria de alimentos possui sazonalidade da produção vinculada à sazonalidade da oferta de seus insumos. Esses insumos representam em torno de 55% dos custos totais de produção da indústria de alimentos. Além das relações com a agropecuária, a indústria de alimentos estabelece, assim como outros setores da indústria de transformação, relações com canais de distribuições, indústrias de embalagens, máquinas e equipamentos, entre outras, conforme pode ser visto na **Figura 1**.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

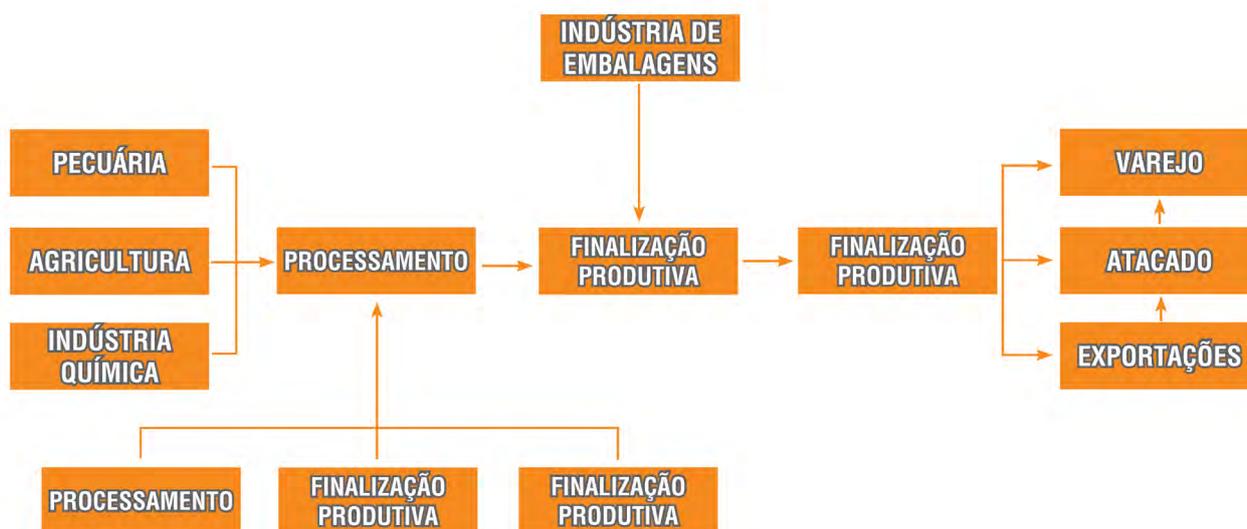
Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente), Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETE-NE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente), Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Sílas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

Figura 1 – Fluxograma Produtivo da Indústria de Alimentos



Fonte: Serasa Experian (2016).

A indústria de alimentos possui grande importância na indústria de transformação, na participação no PIB e na geração de empregos. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Alimentação – ABIA (2019a), a indústria de alimentos brasileira faturou, em 2017, R\$ 520,7 bilhões, o que é equivalente a 7,9% do PIB brasileiro daquele ano e 20,1% do valor bruto da produção (*Proxy* do PIB) da indústria de transformação. Já em 2018, O agregado das indústrias de alimentos e bebidas (também chamado de indústria de alimentação), teve faturamento de R\$ 656 bilhões, crescimento de 2,08% em relação a 2017 (ABIA, 2019b).

Em termos mundiais, a indústria de alimentos também tem importância significativa em diferentes países, sendo líder em vendas entre as chamadas indústrias de bens de consumo rápido (*fast-moving consumer goods*) (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2018b). No Reino Unido, a indústria de alimentos e bebidas é maior do que as indústrias automotiva e aeroespacial juntas (BDO, 2018). Por conta dessa importância, é cada vez maior a presença de *players* globais nos principais mercados, *players* estes que têm buscado aumentar sua participação no mercado por meio de fusões e aquisições. Nos últimos anos, o setor tem tido dificuldade de crescimento, especialmente em mercados-chave, tais como os Estados Unidos e a Europa Ocidental. Entretanto, em 2018 as vendas de alimentos embalados mostraram leve recuperação, com crescimento de 2%, atingindo um volume de vendas de US\$ 2,4 trilhões, crescimento este que foi o dobro do registrado em 2017. As categorias de crescimento mais rápido dentro de alimentos embalados foram óleos comestíveis (5%), comida para bebês (3%) e arroz, massas e macarrão (3%). Especificamente, o segmento de arroz, macarrão e massas teve seu crescimento impulsionado principalmente pelo forte crescimento da Índia e da China, que somaram US\$ 3 bilhões ao valor da categoria - 39% do total global (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2018b).

Nos últimos anos, tem havido uma mudança no que os consumidores estão gastando, mudanças estas que sinali-

zam algumas tendências (conforme será discutido na seção 5), com impactos na evolução da participação das diferentes empresas no mercado. Por exemplo, entre 2009 e 2013, os 25 maiores fabricantes de alimentos e bebidas dos Estados Unidos tiveram apenas 1% de crescimento anual em média, enquanto empresas menores chegaram a apresentar uma média de crescimento anual de 4,9% (DELLOITTE, 2016). O desafio para essas empresas tornou-se encontrar maneiras de crescer em conexão com as mudanças no padrão de decisão de compras dos consumidores e do comportamento dos mesmos. Historicamente, os consumidores tomam decisões de compra com base em sabor, preço e conveniência, conhecidos como “fatores tradicionais” na decisão de compra de produtos alimentícios. Entretanto, atualmente os consumidores têm dado maior peso a outros fatores na sua decisão de compra, o que traz novos desafios e oportunidades para a indústria de alimentos. Entre esses novos fatores, destacam-se saúde e bem-estar, busca por canais alternativos de compras, aspectos éticos (incluindo transparência) e experiência.

O processo de mudança pelo qual passa a indústria de alimentos tem afetado praticamente todos os setores que fabricam bens de consumo. O inconstante consumidor está testando o modelo de negócios tradicional (“brick-and-mortar”, ou tijolo e argamassa), alterando mais rapidamente as preferências de produto e os canais de compra. Assim sendo, as empresas têm buscado novos modelos de negócios, que envolvem quatro pilares distintos (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2018a): (a) serviços de assinatura; (b) formatos mistos; (c) personalização e; (d) entrega *Just-in-time*.

Desenvolvimentos em tecnologia, regulamentação e requisitos de consumo em constante evolução mudaram as regras do jogo para empresas de alimentos. Destaca-se, também, que a indústria de alimentos está enfrentando vários desafios regulatórios e de conformidade relacionados à composição dos alimentos, à comercialização de alimentos e à rastreabilidade, desde o fornecimento

de ingredientes até o consumidor final. Por exemplo, as tendências alimentares, como a vegana, a vegetariana e a orgânica, exigem novas regulamentações para garantir condições equitativas para todos os produtores de alimentos e evitar que os consumidores sejam induzidos em erro. Além disso, as regulamentações em torno do rótulo da embalagem ou do país de origem aumentam a transparência em relação aos produtos alimentícios (KÜSTER; FOLEY; CHASEN, 2018).

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados dos países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional, especialmente porque diversas empresas multinacionais do setor alimentício com origem em outros países atuam no Brasil. Além disso, algumas empresas com capital nacional, pertencentes à indústria de alimentos, possuem forte viés de internacionalização, com importantes mercados localizados fora do País.

De acordo com Euromonitor International (2018c), o mercado brasileiro de alimentos embalados é grande e complexo, com dinâmicas divergentes que devem ser analisadas com cuidado. Apesar de o mercado brasileiro de alimentos ser muito fragmentado, empresas multinacionais detêm as quatro primeiras posições em vendas em 2018, em se tratando de alimentos embalados, nessa ordem: Nestlé, Mondelez Internacional, Groupe Lactalis e PepsiCo. Chama atenção o fato do grupo cearense M Dias Branco ter assumido a 5ª posição em termos de participação no mercado, superando empresas multinacionais como a Unilever e a Danone. Em comparação com o mercado mundial, entre as cinco primeiras posições em termos de participação no mercado, as mudanças são as entradas da Danone e da Kraft Heinz nesse ranking, com a saída da Lactalis e da M Dias Branco, bem como mudanças na ordem das empresas. O **quadro 1** apresenta a relação das 10 empresas com maiores participações de mercado no mundo e no Brasil, bem como as respectivas fatias do mercado (%) em 2018.

Quadro 1 – Ranking de participação de mercado (%) das dez principais empresas fabricantes produtos alimentícios embalados no Mundo e no Brasil, em 2018

Posição	Mundo		Brasil	
	Empresa	Participação (%)	Empresa	Participação (%)
1	Nestlé S/A	2,70	Nestlé S/A	6,60
2	PepsiCo Inc.	2,10	Mondelez International Inc.	3,30
3	Mondelez International Inc.	1,80	Lactalis, Groupe	2,50
4	Danone, Groupe	1,40	PepsiCo Inc.	2,50
5	Kraft Heinz Co.	1,30	M Dias Branco S/A Indústria e Comércio de Alimentos	2,20
6	Unilever Group	1,20	Danone, Groupe	2,10
7	Mars Inc.	1,20	Unilever Group	2,00
8	Lactalis, Groupe	0,90	Brf Brasil Foods S/A	2,00
9	Ferrero & related parties	0,80	Bunge Ltd.	1,70
10	General Mills Inc.	0,80	Itambé S/A	1,60

Fonte: Euromonitor International (2018b), (2018c).

Para lidar com a dificuldade de participação no mercado e manutenção das margens em um mercado tão competitivo como o brasileiro, com restrições em termos de renda disponível dos consumidores, essas empresas têm adotado estratégias tais como a introdução de novos materiais de embalagem, investimentos em campanhas de marketing, modernização tecnológica dos processos de produção e maior eficiência de gestão. A seção seguinte apresenta o desempenho recente da indústria de alimentos no Brasil

e disponibiliza regularmente informações sobre o desempenho de algumas variáveis do setor, informações estas que foram apresentadas em parte na primeira seção. Por outro lado, é possível obter informações a partir de órgãos oficiais, tais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da Economia. Os tópicos seguintes apresentam informações referentes às principais variáveis associadas ao desempenho da indústria de alimentos, considerando os grupos CNAE cobertos pelo presente trabalho.

3 DESEMPENHO RECENTE

A principal instituição representativa do setor em estudo é a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação – ABIA, que engloba as indústrias de alimentos e bebidas

3.1 Produção e vendas

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados da Pesquisa Industrial Anual Produto (PIA Produto) do IBGE (2019) referentes ao período 2007-2016 (último

dado disponível) mostram um crescimento consistente na produção da indústria de alimentos (em toneladas) até 2012 (Tabela 1), ano a partir do qual se observa certa es-

tabilidade, com pequena queda em 2014 e retomada do crescimento nos dois anos seguintes.

Tabela 1 – Evolução da produção (em toneladas)¹ da indústria de alimentos brasileira: 2007-2016

CLASSE CNAE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Fabricação de conservas de frutas	1.740.870	1.845.993	1.887.022	2.090.094	2.460.494	2.778.678	2.470.553	2.702.649	2.619.695	2.499.200
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	458.891	383.650	463.555	501.184	1.044.867	1.200.778	1.113.347	1.234.085	1.175.881	1.264.900
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (mil litros)	2.156.759	2.121.672	2.224.203	2.501.920	3.617.524	3.571.106	2.983.796	3.315.308	3.398.821	3.409.089
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	27.053.670	26.839.303	25.897.293	29.047.915	28.715.355	29.134.496	29.237.289	30.915.915	31.606.551	32.220.987
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	3.902.167	3.808.933	3.305.205	3.152.944	3.430.797	3.294.620	3.315.656	3.554.806	3.332.356	3.650.276
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	1.043.240	1.166.897	1.281.758	1.248.685	1.358.800	1.625.835	1.661.639	1.670.601	1.441.274	1.794.061
Preparação do leite (Mil litros)	8.815.746	8.961.124	10.168.945	9.241.544	10.028.961	10.447.735	9.394.557	10.320.772	9.640.671	8.835.177
Fabricação de laticínios (Toneladas)	2.537.702	2.694.785	3.285.574	3.479.303	3.667.610	3.647.676	3.684.120	5.088.337	4.839.930	5.666.979
Fabricação de laticínios (Mil litros)	1.037.983	1.110.884	1.176.357	2.069.991	2.004.886	2.429.952	2.579.423	1.420.509	1.450.221	1.329.147
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	242.544	285.447	337.367	363.488	375.695	391.485	462.036	506.710	497.587	348.801
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	5.185.328	6.100.069	6.147.372	6.247.057	6.663.831	6.933.569	7.203.727	7.659.657	7.994.206	7.640.929
Moagem de trigo e fabricação de derivados	8.573.470	8.605.241	8.033.613	8.214.362	8.744.572	9.560.004	10.544.155	10.195.624	10.049.233	10.598.430
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	80.590	112.686	84.460	96.130	174.363	225.950	243.793	252.292	217.601	258.903
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	1.807.717	1.593.709	1.505.263	1.302.614	1.593.491	2.096.555	2.553.920	2.619.074	2.818.226	2.902.031
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	2.938.558	2.764.575	2.850.694	3.052.395	2.942.000	3.124.739	3.398.939	2.744.572	2.786.136	3.034.070
Fabricação de alimentos para animais	20.997.038	20.458.516	22.394.207	26.868.404	30.484.774	30.543.374	28.891.659	24.485.345	25.125.269	28.361.576
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	567.247	601.563	356.390	398.576	477.768	932.411	543.117	758.519	756.308	613.693
Torrefação e moagem de café	526.286	531.371	601.570	585.137	589.374	577.769	596.107	635.615	617.346	675.286
Fabricação de produtos à base de café	102.034	100.338	89.927	106.175	124.625	105.490	119.560	111.558	117.889	131.870
Fabricação de produtos de panificação	809.869	760.932	893.739	972.703	1.135.173	1.341.577	1.379.419	1.626.151	1.630.250	1.531.952
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.456.952	1.642.021	1.808.795	1.706.507	1.759.644	1.811.633	1.895.036	1.881.788	1.870.380	1.775.009
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.413.712	1.432.117	1.394.125	1.351.296	1.451.764	1.578.039	1.562.221	1.586.844	1.572.391	1.566.420
Fabricação de massas alimentícias	1.227.576	1.258.825	1.320.663	1.481.263	1.447.898	1.670.710	1.786.942	1.697.922	1.730.366	1.750.975
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	766.047	756.002	891.256	939.896	1.069.233	997.415	1.207.443	1.262.582	1.361.564	1.413.327
Fabricação de alimentos e pratos prontos	53.970	92.674	188.008	150.591	124.023	144.759	160.520	134.143	159.572	166.303
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Toneladas)	2.875.596	2.813.989	3.074.762	2.440.577	2.513.558	3.245.141	2.721.354	3.303.047	3.411.575	3.360.261
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Mil litros)	244.506	272.368	270.474	279.531	296.148	268.286	249.485	269.741	399.669	379.180
Total em Toneladas	86.361.073	86.649.635	88.092.618	95.797.295	102.349.709	106.962.705	106.752.552	106.627.836	107.731.587	113.226.239
Total em Milhares de Litros	12.254.994	12.466.048	13.839.979	14.092.986	15.947.519	16.717.080	15.207.261	15.326.330	14.889.382	13.952.593

Fonte: IBGE (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

Diversas classes de alimentos cresceram acima de 100% no período, com destaque para a fabricação de conservas de legumes e outros vegetais (176%), fabricação de laticínios (123%), fabricação de farinha de mandioca e derivados (221%) e fabricação de alimentos e pratos prontos (208%). No caso da última classe destacada, o grande crescimento da produção de alimentos e pratos prontos (embora em quantidades cujo patamar é bem inferior à maioria das classes) sinaliza a busca por maior comodidade e praticidade pelos consumidores de alimentos,

em linha com algumas tendências já sinalizadas na seção 2 e que são mais detalhadas na seção 5. A produção de alimentos medida em milhares de litros, que abrange primordialmente a preparação do leite e a fabricação de alguns laticínios, apresentou queda significativa nos dois últimos anos do período analisado.

No que diz respeito às quantidades vendidas, os dados da PIA Produto mostram um cenário (**Tabela 2**) semelhante ao observado para a produção.

Tabela 2 – Evolução das vendas (toneladas)¹ da indústria de alimentos brasileira: 2007-2016

CLASSE CNAE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Fabricação de conservas de frutas	1.802.026	1.740.905	2.055.029	2.076.663	2.337.724	2.308.625	2.403.961	2.475.848	2.306.707	2.376.970
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	409.992	348.536	403.993	460.410	995.281	1.177.653	1.029.441	1.155.222	1.145.998	1.239.895
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (Mil litros)	2.136.352	2.000.383	2.095.642	2.327.094	2.585.705	2.819.512	2.642.920	2.720.386	3.005.933	2.963.087
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	23.522.894	24.490.509	22.380.010	23.464.984	22.286.018	24.380.427	27.852.527	28.020.678	28.768.527	28.724.710
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	3.263.027	3.636.876	3.152.764	2.613.642	2.770.717	2.706.662	3.018.372	2.876.532	2.577.435	2.335.295
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	739.138	811.110	1.076.899	870.862	976.411	944.868	1.052.730	969.142	943.032	1.086.601
Preparação do leite (Mil litros)	6.832.872	6.971.746	7.601.095	6.703.479	7.068.132	7.782.360	7.724.904	8.457.041	7.435.672	7.186.879
Fabricação de laticínios (Toneladas)	1.525.214	1.772.347	1.901.590	1.925.202	2.198.724	2.587.888	2.343.159	3.624.616	3.416.398	4.361.119
Fabricação de laticínios (Mil litros)	897.783	928.427	805.953	1.495.944	1.590.808	1.972.824	2.156.635	1.083.937	1.179.417	1.018.726
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	188.679	246.673	341.260	332.268	297.140	371.425	409.389	459.086	468.939	312.408
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	4.733.518	5.619.316	5.553.300	5.856.930	6.131.158	6.403.974	6.948.993	6.783.894	7.334.580	7.332.574
Moagem de trigo e fabricação de derivados	7.419.021	7.817.048	7.256.313	7.591.637	8.145.732	8.633.938	9.521.008	9.016.532	9.101.477	9.388.692
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	77.095	98.006	87.869	89.721	100.675	153.000	187.108	187.734	176.975	207.228
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	1.480.753	1.681.123	1.528.828	1.354.974	1.664.432	2.091.403	2.616.988	2.187.685	2.583.983	2.582.787
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	2.363.546	2.518.673	2.537.088	2.713.727	2.661.340	2.554.110	3.001.088	2.591.406	2.540.637	2.725.792
Fabricação de alimentos para animais	6.522.230	6.645.626	6.218.453	6.969.595	8.500.864	9.943.142	10.405.200	10.518.023	11.911.545	11.580.639
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	398.535	547.627	268.955	300.563	452.535	960.008	542.798	617.146	708.124	568.924
Torrefação e moagem de café	454.358	487.155	500.030	495.278	485.886	503.895	523.008	559.403	608.247	647.008
Fabricação de produtos à base de café	65.080	64.935	58.590	70.941	84.607	72.906	80.967	74.355	82.576	90.948
Fabricação de produtos de panificação	755.963	683.324	789.492	847.852	999.904	1.103.975	1.115.553	1.300.725	1.401.414	1.332.418
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.276.590	1.324.294	1.470.122	1.479.924	1.434.260	1.448.920	1.472.435	1.423.469	1.444.670	1.399.839
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.075.185	1.123.428	942.060	966.215	984.993	1.056.685	1.107.205	1.110.530	1.141.908	1.209.687
Fabricação de massas alimentícias	1.096.013	1.159.758	1.239.582	1.342.767	1.357.799	1.533.984	1.690.933	1.528.362	1.536.034	1.588.269
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	701.406	700.491	868.470	880.974	958.590	961.470	1.113.175	1.091.045	1.160.949	1.308.852
Fabricação de alimentos e pratos prontos	13.777	33.727	47.015	63.895	67.713	111.424	97.216	91.618	106.208	104.332
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Toneladas)	2.678.786	2.628.905	2.820.748	2.271.760	2.342.027	2.850.173	2.517.338	2.998.959	3.127.087	3.066.893
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Mil litros)	244.043	272.568	273.012	240.300	292.107	265.634	279.093	264.753	388.709	407.049
Total em Toneladas	62.562.826	66.180.392	63.498.459	65.040.781	68.234.529	74.860.556	81.050.590	81.662.009	84.593.450	85.571.880
Total em Milhares de Litros	10.111.050	10.173.125	10.775.702	10.766.817	11.536.752	12.840.330	12.803.551	12.526.117	12.009.731	11.575.741

Fonte: IBGE (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

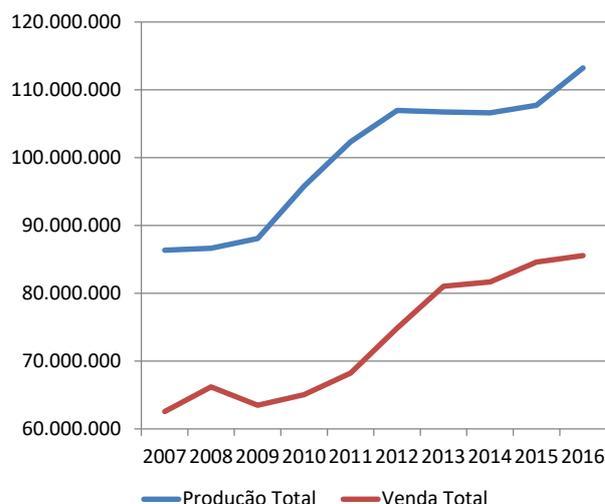
O aumento das vendas no período foi relativamente proporcional ao da produção, com diversas classes de alimentos apresentando alta acima de 100% no período. Assim como na produção, as classes fabricação de conservas de legumes e outros vegetais (202%), fabricação de laticínios (186%), fabricação de farinha de mandioca e derivados (169%) e fabricação de alimentos e pratos prontos (657%) tiveram destaque. Tanto na produção como nas vendas, a única classe que mostrou retração no período foi a fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho.

Nos gráficos 1 e 2 são apresentados simultaneamente os crescimentos da produção e das vendas de produtos alimentícios, separando-se os que são medidos em toneladas (**Gráfico 1**) e os que são medidos em milhares de litros (**Gráfico 2**).

No que diz respeito ao desempenho da indústria de alimentos e o mercado de consumo de produtos alimentícios embalados no Brasil, nos últimos 2 anos (2017-2018), Euromonitor International (2018c) afirma que, após o momento mais crítico da crise econômica, o segundo semestre de 2017 ofereceu um vislumbre de esperança com um aumento nas vendas de alimentos embalados e do desempenho de varejo, que compensaram possíveis perdas associadas com o baixo crescimento do PIB (1%) daquele ano. Juntamente com a deflação nos preços dos alimentos devido a uma boa safra, as vendas de alimentos embalados tiveram desempenho melhor do que inicialmente previsto para aquele ano. No entanto, essa perspectiva positiva mudou drasticamente em maio de 2018, quando a crise dos caminhoneiros congelou toda a cadeia alimentar do País. A greve de uma semana, ocorrida como forma de protesto contra os aumentos sucessivos do preço do diesel, praticamente eliminou as boas expectativas relativas a 2018. Várias grandes empresas, associações industriais e agências de notícias relataram grandes perdas na produção de matérias-primas, o que ocasionou desabastecimento nas indústrias, especialmente nas que fabricam alimentos embalados que têm como matérias-primas alimentos frescos cultivados nacionalmente, como produtos lácteos, por exemplo. Em 2018 as vendas de produtos alimentícios totalizaram R\$ 334,51 bilhões, distribuídas entre ingredientes e temperos para refeições (11,4%), laticínios e produtos alternativos (27,1%), petiscos (*snacks*) (23,4%) e alimentos básicos (38,2%).

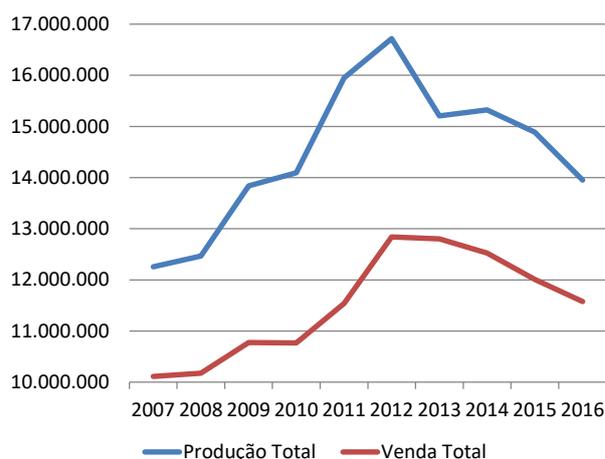
Com os consumidores estocando os alimentos durante a greve em antecipação à escassez, as prateleiras logo ficaram vazias, e os preços subiram em até 200% em alguns casos. Os fabricantes não esperavam que os preços voltassem aos níveis anteriores à greve até 2019, já que procuravam recuperar as perdas sofridas durante e logo após o período de greve. Os maiores *players* não foram tão afetados em termos de preços de matérias-primas devido a mecanismos de proteção, mas enfrentaram desafios na distribuição, o que afetou o crescimento das vendas em 2018, que foi menor do que o potencialmente esperado para o ano (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2018c).

Gráfico 1 – Evolução da produção e vendas de produtos da indústria de alimentos brasileira, medidos em toneladas: 2007-2016



Fonte: IBGE (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Gráfico 2 – Evolução da produção e vendas de produtos da indústria de alimentos brasileira, medidos em milhares de litros: 2007-2016



Fonte: IBGE (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Além das análises efetuadas acerca do comportamento da produção e das vendas da indústria de alimentos brasileira, para se entender o comportamento da demanda total, é essencial a avaliação do comércio internacional de produtos alimentícios.

Considerando-se apenas os produtos que se enquadram nas classes CNAE da indústria de alimentos que compõem o presente estudo, observa-se certa instabilidade do comportamento das exportações no período 2009-2018. Após forte queda entre 2008 e 2009, houve crescimento entre 2010 e 2012, queda entre 2013 e 2016, seguida de recuperação em 2017 e 2018 (com maior intensidade), mas com valores ainda longe do pico de 2012, conforme pode ser observado na **Tabela 3**. Apesar do comportamento instável, a recuperação de 2018 contribuiu para o crescimento de 21,9% no valor das exportações entre os anos de 2009 e 2018.

Tabela 3 – Exportações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2009-2018⁽¹⁾

Classes CNAE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Fabricação de conservas de frutas	358.812	343.961	374.186	391.122	330.263	289.862	341.295	356.205	432.784	513.659
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	26.505	29.019	32.683	25.852	31.267	27.783	24.543	28.315	34.932	66.614
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes	1.751.828	1.925.125	2.566.395	2.451.464	2.460.180	2.168.269	2.050.442	2.105.151	2.143.754	2.352.227
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	5.675.537	5.953.929	7.623.077	8.557.076	8.119.643	8.061.021	6.967.873	6.073.948	5.952.761	7.726.552
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	231.879	206.978	382.952	315.021	238.004	244.603	227.691	171.728	229.344	134.067
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	36.622	44.972	68.659	28.870	45.501	79.846	48.224	25.717	22.091	20.343
Preparação do leite	39	25	57	79	25	48	54	1.519	108	398
Fabricação de laticínios	169.049	157.334	122.113	119.933	117.584	346.088	319.768	168.373	113.428	58.492
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	646	779	286	336	158	2.544	434	872	412	943
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	257.473	162.826	569.609	500.838	299.873	300.291	300.483	199.470	214.023	275.226
Moagem de trigo e fabricação de derivados	3.346	3.595	4.847	5.800	7.262	7.411	7.628	16.582	33.524	19.828
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	1.643	1.905	1.806	1.693	2.738	3.029	3.426	4.838	9.966	14.801
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	44.545	37.703	60.340	50.332	53.313	63.104	50.509	45.177	69.310	44.601
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	82.805	91.022	116.751	113.011	88.936	63.184	92.873	99.728	99.080	80.336
Fabricação de alimentos para animais	102.557	138.609	152.306	168.534	217.214	239.503	208.363	225.002	266.959	278.086
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	237.874	234.822	195.782	177.168	165.583	152.541	156.316	181.985	199.192	213.030
Torrefação e moagem de café	29.895	22.453	26.290	18.411	15.873	11.637	10.120	12.809	13.176	11.692
Fabricação de produtos à base de café	487.762	560.527	706.773	722.523	677.620	609.170	593.246	616.094	659.890	590.697
Fabricação de produtos de panificação	10.274	11.180	12.710	13.237	14.816	16.660	15.616	16.029	18.429	19.329
Fabricação de biscoitos e bolachas	72.159	75.434	84.526	88.421	91.386	96.360	78.349	74.071	91.592	100.625
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	539.453	612.307	626.739	557.147	477.441	490.100	510.974	541.081	519.242	511.843
Fabricação de massas alimentícias	18.559	11.922	12.955	14.839	21.461	25.957	7.476	10.521	10.156	10.258
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	39.480	19.587	15.499	22.273	19.130	19.801	14.841	16.422	24.774	29.742
Fabricação de alimentos e pratos prontos	786.859	775.038	885.411	789.319	755.125	702.678	582.795	604.838	554.032	345.444
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente	392.612	497.324	359.371	344.245	387.641	414.737	392.987	379.127	387.222	423.665
Total	11.358.213	11.918.377	15.002.123	15.477.545	14.638.038	14.436.226	13.006.326	11.975.604	12.100.181	13.842.499

Fonte: FUNCEXDATA (2019). Elaboração do ETENE/BNB.
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Entre as diversas classes analisadas, os crescimentos de maior destaque nas exportações no período 2009-2018 foram a preparação do leite (913,6%), moagem de trigo e fabricação de derivados (492,6%) e a fabricação de farinha de mandioca e derivados (801,0%).

No que diz respeito às importações (Tabela 4), observou-se um crescimento consistente na maior parte do período analisado, com queda significativa apenas em 2015, e retomada nos anos seguintes, exceto pela leve queda em 2018. Entretanto, os valores envolvidos são bem menores do que aqueles das exportações, o que é esperado,

em função da expertise do Brasil como grande fornecedor mundial de alimentos. Considerando o agregado das classes analisadas, o crescimento das importações chegou a 59,0% entre 2009 e 2018.

Entre os produtos importados pela indústria de alimentos brasileira, considerando-se apenas as classes apresentadas, destacam-se as conservas de legumes, óleos vegetais refinados e laticínios. Em termos de crescimento das importações no período, destaca-se a farinha de mandioca e derivados, o café e os alimentos prontos.

Tabela 4 – Importações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2009-2018⁽¹⁾

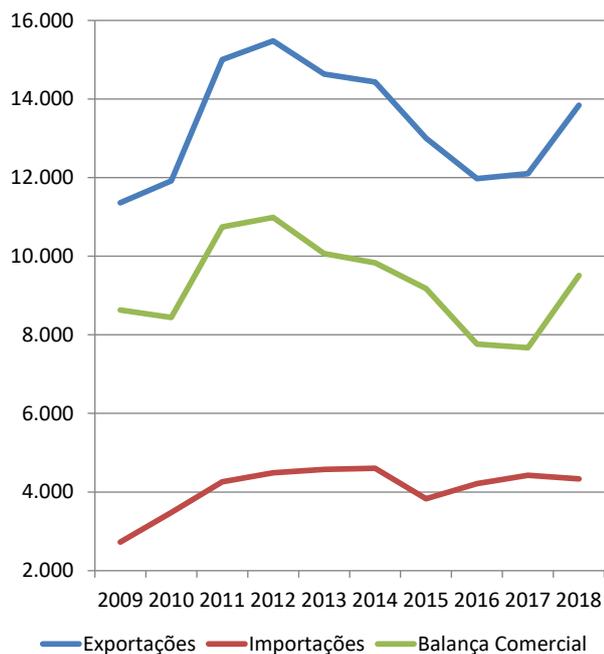
Classes CNAE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Fabricação de conservas de frutas	182.670	271.377	287.760	308.964	340.384	406.402	293.530	265.952	299.769	314.669
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	296.448	440.368	487.723	462.879	624.872	650.601	538.167	575.945	591.108	530.441
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes	16.587	27.641	28.195	21.393	32.280	20.743	19.618	26.868	22.606	16.377
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	65.635	63.046	68.126	65.010	50.820	48.701	62.205	75.642	96.080	77.211
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	469.911	608.966	887.429	823.549	805.451	848.128	661.051	689.843	793.146	840.319
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não-comestíveis de animais	55.213	57.436	64.963	42.762	62.037	82.952	82.554	97.109	100.137	107.385
Preparação do leite	4.228	2.962	9.458	6.705	12.706	2.442	452	1.392	630	88
Fabricação de laticínios	278.263	357.327	641.009	696.637	644.118	489.265	450.437	683.446	594.454	519.400
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	7.995	29.355	23.782	13.551	9.089	15.543	10.630	7.498	8.831	12.483
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	247.660	356.574	252.612	317.879	346.799	282.711	135.362	263.859	295.532	202.154
Moagem de trigo e fabricação de derivados	207.270	240.143	329.281	272.124	148.872	164.882	124.090	131.976	132.236	124.741
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	2	13	30	51	280	286	353	418	879	849
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	1.231	710	1.131	4.133	2.808	969	2.258	3.961	2.682	2.212
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	41.160	67.317	72.284	76.701	99.985	100.137	74.463	76.138	79.936	87.312
Fabricação de alimentos para animais	139.323	169.163	200.122	222.330	248.402	261.987	260.976	234.110	255.392	272.310
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	101.528	109.340	117.722	132.781	151.817	137.339	131.735	118.355	136.752	177.649
Torrefação e moagem de café	13.978	21.518	40.583	35.820	32.226	47.919	67.042	53.648	73.845	60.976
Fabricação de produtos à base de café	2.415	2.730	4.674	5.977	7.915	12.110	17.009	7.402	7.634	8.235
Fabricação de produtos de panificação	3.903	8.257	12.653	7.142	5.520	6.054	4.551	3.322	4.091	4.447
Fabricação de biscoitos e bolachas	17.248	18.304	27.292	41.847	52.337	35.591	38.510	25.450	33.401	36.468
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	310.621	304.955	308.343	448.749	293.879	385.627	318.787	386.497	390.454	418.472
Fabricação de massas alimentícias	23.232	25.412	34.497	39.195	41.729	39.869	31.332	28.097	36.910	37.755
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	22.571	41.880	48.143	43.092	52.326	53.427	44.209	33.527	36.618	37.878
Fabricação de alimentos e pratos prontos	11.241	12.697	16.621	32.914	48.810	69.448	88.395	95.229	54.915	49.412
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente	204.959	239.231	294.281	368.389	456.972	440.773	372.895	326.021	378.944	392.741
Total	2.725.289	3.476.725	4.258.715	4.490.574	4.572.434	4.603.906	3.830.610	4.211.705	4.426.982	4.331.983

Fonte: FUNCEXDATA (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10-1, 10-2 e 10-7 da CNAE.

Os dados mostram que a balança comercial da indústria de alimentos brasileira foi amplamente superavitária no período analisado, o que é condizente com o comentário anterior de que o Brasil é mundialmente conhecido como país fornecedor de alimentos para o resto do Mundo (**Gráfico 3**), embora o superávit tenha tendência de queda em função da diminuição das exportações e relativa estabilidade das importações.

Gráfico 3 – Balança comercial da indústria de alimentos¹ brasileira no período 2009-2018 (US\$ milhões FOB)



Fonte: FUNCEXDATA (2019). Elaboração do ETENE/BNB.
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Com relação aos principais parceiros do Brasil no comércio exterior de produtos alimentícios, as **tabelas 5 e 6** apresentam, respectivamente, os dez principais países destinos das exportações e os dez principais países de origem das importações em diferentes anos.

Analisando-se os dados de 2018, percebe-se que as exportações de produtos alimentícios têm os países europeus e asiáticos como principais destinos, além dos Estados Unidos. A Holanda e a Bélgica, posicionadas como 1º e 4º maiores importadores, possivelmente têm a função de entreposto, tendo em vista a importância dos portos de Roterdã (Holanda) e Antuérpia (Bélgica) como receptores de mercadorias que têm a Europa como destino.

Comparando-se os dados de 2009 e 2018, observa-se um aumento importante da participação de países asiáticos (Tailândia, Indonésia, Coreia do Sul, Índia e Vietnã), o que sinaliza o desbravamento de novos mercados pelos produtos alimentícios brasileiros, mercados estes com alto potencial de consumo por conta dos grandes contingentes populacionais desses países. Adicionalmente, destaca-se a saída da China do grupo de dez principais importadores, país que, no período analisado, chegou a ser o 3º maior importador de produtos alimentícios industrializados do Brasil.

A diminuição das exportações de produtos alimentícios industrializados para a China ocorreu simultaneamente com um forte aumento das exportações de alimentos “in natura”, como a soja, por exemplo, o que sinaliza uma diminuição do valor agregado dos produtos alimentícios brasileiros para aquele país.

Tabela 5 – Principais países de destino das exportações brasileiras de produtos alimentícios¹ (US\$ FOB): 2009 x 2013 x 2018

Países	2009	%	2013	%	2018	%
Países Baixos	1.961.130.740	17,3%	3.495.254.398	23,9%	2.020.681.392	14,6%
Estados Unidos	759.819.979	6,7%	846.410.244	5,8%	1.103.539.320	8,0%
Tailândia	365.188.102	3,2%	478.728.103	3,3%	948.188.760	6,8%
Bélgica	743.700.281	6,5%	915.635.220	6,3%	748.422.891	5,4%
Indonésia	167.183.476	1,5%	334.649.126	2,3%	723.035.148	5,2%
Coreia do Sul	383.796.501	3,4%	561.417.282	3,8%	704.461.706	5,1%
Alemanha	734.734.671	6,5%	864.621.575	5,9%	618.664.806	4,5%
França	1.004.784.978	8,8%	768.578.524	5,3%	597.369.666	4,3%
Índia	136.167.493	1,2%	244.945.901	1,7%	550.643.099	4,0%
Vietnã	52.525.461	0,5%	225.557.788	1,5%	426.939.717	3,1%
Sub-total	6.309.031.682	55,5%	8.735.798.161	59,7%	8.441.946.505	61,0%
Outros	5.049.181.595	44,5%	5.902.239.834	40,3%	5.400.552.333	39,0%
Total	11.358.213.277	100,0%	14.638.037.995	100,0%	13.842.498.838	100,0%

Fonte: FUNCEXDATA (2019). Elaboração do ETENE/BNB.
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Tabela 6 – Principais países de origem das importações brasileiras de produtos alimentícios¹ (US\$ FOB): 2009 x 2013 x 2018

Países	2009	%	2013	%	2018	%
Argentina	831.116.514	30,5%	1.180.660.914	25,8%	962.817.100	22,2%
Estados Unidos	171.382.359	6,3%	376.091.223	8,2%	286.735.706	6,6%
Portugal	122.634.212	4,5%	239.465.559	5,2%	279.346.120	6,4%
Indonésia	244.305.984	9,0%	303.079.341	6,6%	273.887.868	6,3%
Uruguai	268.714.385	9,9%	392.816.331	8,6%	252.715.085	5,8%
Países Baixos	75.821.590	2,8%	186.274.403	4,1%	182.429.494	4,2%
Paraguai	79.160.760	2,9%	213.484.356	4,7%	176.804.683	4,1%
China	82.647.746	3,0%	206.548.740	4,5%	169.569.211	3,9%
Itália	72.272.675	2,7%	140.721.338	3,1%	164.294.095	3,8%
Alemanha	65.215.371	2,4%	125.962.261	2,8%	153.682.379	3,5%
Sub-total	2.013.271.596	73,9%	3.365.104.466	73,6%	2.902.281.741	67,0%
Outros	712.017.607	26,1%	1.207.330.007	26,4%	1.429.701.366	33,0%
Total	2.725.289.203	100,0%	4.572.434.473	100,0%	4.331.983.107	100,0%

Fonte: FUNCEXDATA (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Por outro lado, no que diz respeito às importações, destacam-se alguns países da América do Sul (Argentina, Uruguai e Paraguai), que juntos são responsáveis por 32,1% do valor importado em produtos alimentícios pelo Brasil, apesar da forte queda de participação da Argentina entre 2009 e 2018. Nesse período observou-se, também, aumento relevante de participação de países europeus como exportadores de alimentos para o Brasil.

sa do setor oscilou, embora com amplitude relativamente pequena, variando de um mínimo de 18,4% em 2011 a um máximo de 21,7% em 2014, conforme pode ser observado no **Gráfico 4**.

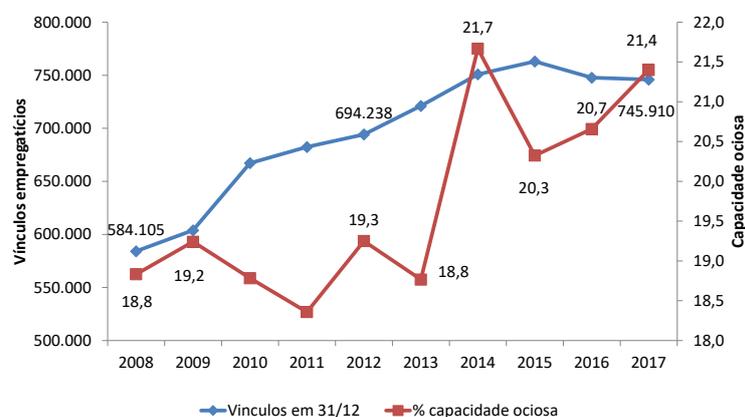
3.2 Emprego e Capacidade Instalada

Após dois anos de forte retração econômica (2015 e 2016), a economia brasileira apresentou uma leve recuperação nos dois anos seguintes, com crescimento de 1% do PIB em 2017 e 1,1% em 2018, além de inflação dentro da meta e queda dos juros. Entretanto, a taxa de desemprego segue elevada (taxa de desocupação média de 12,3% em 2018, de acordo com a PNAD contínua do IBGE), o que tem reflexo na renda dos consumidores e, portanto, no consumo de bens em geral.

No caso da indústria de alimentos, considerando-se os grupos da CNAE especificados na introdução, no período 2008-2017 houve alta consistente no número de empregos até 2015. Entretanto, boa parte dos estados apresentou queda no número de empregos entre 2015 e 2017, com exceção do Espírito Santo, Maranhão, Pará e Piauí. Considerando-se todo o período 2008-2017, a taxa de crescimento foi de 27,7% no Brasil e 37,9% no Nordeste, tendo destaque nacional em termos de crescimento os estados do Amapá (135,8%) e Piauí (87,6%) (**Tabela 7**), embora sejam estados com baixa representatividade em termos de participação no emprego do setor no Brasil.

Mesmo com o crescimento observado para o emprego na maior parte do período analisado, a capacidade ocio-

Gráfico 4 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa¹ da indústria de alimentos brasileira: 2008 a 2017



Fonte: RAIS (2019) e CNI (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera todos os grupos da CNAE que compõem a indústria de alimentos.

Tabela 7 – Evolução do emprego na indústria de alimentos¹ no período 2008-2017: Brasil, Nordeste e UF

Estado	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Acre	654	672	757	884	968	961	1.055	1.108	989	1.105
Alagoas	5.188	5.079	6.173	6.597	6.802	6.860	6.790	6.837	6.602	6.411
Amapá	313	339	474	505	568	652	716	755	678	738
Amazonas	3.260	3.516	3.851	4.369	5.215	5.596	4.869	5.721	4.728	3.982
Bahia	16.819	17.456	21.396	23.313	24.358	26.582	27.786	27.777	26.956	27.979
Ceará	27.151	28.535	29.195	31.025	30.168	30.821	32.001	33.181	32.863	31.996
Distrito Federal	3.101	3.318	4.546	4.116	4.164	4.224	4.302	5.395	5.366	5.494
Espírito Santo	10.450	11.307	13.369	14.638	14.564	14.028	14.688	14.608	14.629	14.752
Goiás	32.455	33.949	36.719	36.704	39.943	41.200	41.464	41.145	39.363	39.692
Maranhão	2.485	2.542	2.795	3.298	3.473	3.825	3.981	3.891	4.058	4.230
Mato Grosso	8.002	9.544	9.904	10.005	10.551	10.824	11.343	11.769	11.624	12.412
Mato Grosso do Sul	5.629	6.139	6.508	6.715	6.555	7.208	7.464	8.165	7.685	7.617
Minas Gerais	77.598	78.840	89.513	88.309	91.133	95.758	100.100	103.685	102.091	103.900
Pará	14.744	14.284	16.204	12.427	12.196	12.595	14.101	14.463	15.409	15.779
Paraíba	7.200	7.240	8.690	8.947	9.212	9.517	10.066	10.325	10.266	9.882
Paraná	60.171	62.616	67.588	68.705	66.247	70.471	72.691	71.092	70.390	70.077
Pernambuco	21.427	22.337	25.829	27.247	27.112	26.727	31.485	31.916	30.567	30.421
Piauí	3.545	3.974	5.057	5.084	5.444	5.356	6.035	6.616	6.620	6.651
Rio de Janeiro	24.976	26.580	29.140	28.939	28.845	28.812	29.843	29.312	28.271	27.224
Rio Grande do Norte	8.996	10.081	10.819	10.742	10.944	10.457	10.306	10.712	10.156	9.788
Rio Grande do Sul	52.806	55.006	60.830	63.715	63.355	65.133	66.370	66.970	68.485	66.759
Rondônia	3.918	4.507	5.107	5.194	5.142	5.369	5.867	6.233	6.092	6.363
Roraima	346	417	449	493	451	440	436	521	576	567
Santa Catarina	31.926	32.785	37.292	37.975	38.386	39.580	41.653	42.428	42.317	43.527
São Paulo	154.262	155.944	167.007	174.281	179.334	188.637	195.948	198.260	191.065	188.690
Sergipe	4.724	4.501	5.302	5.681	6.444	6.951	6.983	7.408	7.272	7.190
Tocantins	1.959	2.392	2.666	2.499	2.664	2.524	2.518	2.731	2.624	2.684
Região Nordeste	97.535	101.745	115.256	121.934	123.957	127.096	135.433	138.663	135.360	134.548
Brasil	584.105	603.900	667.180	682.407	694.238	721.108	750.861	763.024	747.742	745.910

Fonte: RAIS (2019). Elaboração do ETENE/BNB

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 78,3% a 81,6%, embora não esteja entre os mais baixos da indústria de transformação, poderia ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, especialmente porque a capacidade ociosa está em trajetória crescente nos últimos anos. Entretanto, como se trata de um índice que considera o agregado de todos os grupos e classes CNAE da indústria de alimentos, não permite uma avaliação mais concreta, pois os diferentes grupos são heterogêneos e comportam diferentes portes de empresas. Setores caracterizados pela dominância de empresas de menor porte (por exemplo, indústria de panificação) são mais sensíveis aos movimentos de aumento da demanda, o que tem impacto sobre a decisão de aumento da capacidade.

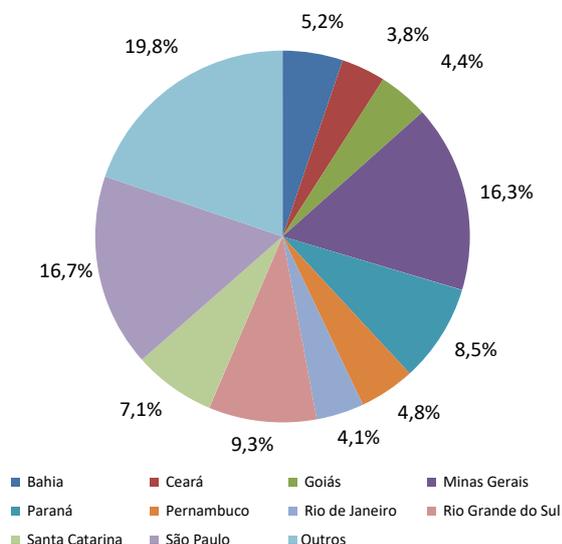
4 DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA PRODUÇÃO

A indústria de alimentos, considerando-se todos os seus grupos e classes da CNAE, constitui o setor da indústria de transformação brasileira de maior importância em termos de geração de empregos, englobando 22,6% de todos os empregos formais da indústria de transformação em 2017. Na Região Nordeste, a importância da indústria de alimentos é ainda maior, tendo em vista que é responsável por 28,3% dos empregos formais da indústria de transformação em 2017.

Considerando-se apenas os grupos CNAE que são objeto da presente análise, a distribuição geográfica das empresas guarda certa relação com a distribuição da população brasileira, tendo em vista que alguns setores da indústria de alimentos tem forte viés de descentralização da produção de acordo com a distribuição do mercado

consumidor. Nesse sentido, os estados mais populosos são aqueles que concentram a maior quantidade de estabelecimentos ligados à indústria de alimentos (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de alimentos¹ em 2017



Fonte: RAIS (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

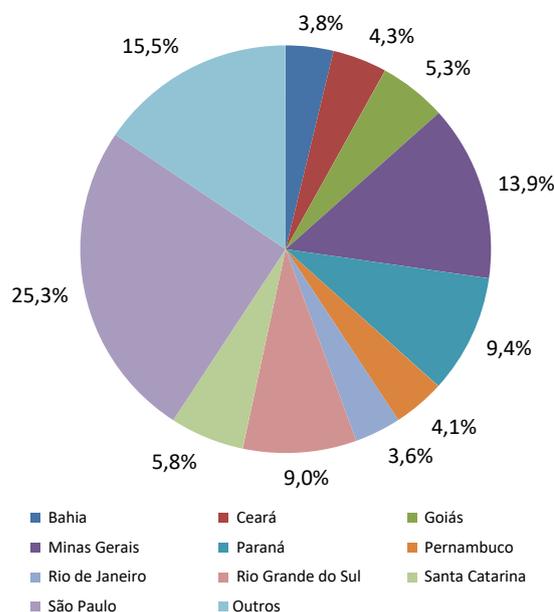
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

A exceção entre os dez estados mais populosos na lista dos dez estados com maior número de estabelecimentos da indústria de alimentos é o Pará, em função da maior importância do setor no estado de Goiás (12º estado mais populoso).

No caso dos empregos, a lógica é a mesma observada para o número de estabelecimentos, tendo em vista que não se observou mudança na relação dos dez estados com maior número de vínculos empregatícios em 2017 (Gráfico 6). Entretanto, entre os dez estados com maior número de empregos no setor, houve aumento da concentração dos empregos no estado de São Paulo (22,3%) em comparação com o número de estabelecimentos (16,7%), o que sinaliza que predominam em São Paulo empresas de maior porte na indústria de alimentos. Essa mesma lógica

ca se aplica a outros estados como Ceará, Goiás e Paraná. Nos demais estados, percebe-se lógica inversa.

Gráfico 6 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de alimentos¹ brasileira em 2017



Fonte: RAIS (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Em termos de evolução das quantidades de empresas (Tabela 8) e empregos (Tabela 9), não foram observadas mudanças significativas de representatividade dos estados no período considerado.

Conforme citado anteriormente, trata-se de um setor com alta relevância na indústria de transformação nordestina, sendo que a Região concentra 22,4% dos estabelecimentos e 18,0% do emprego. O percentual de estabelecimentos maior do que o percentual de empregos, algo que ocorre também nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul, indica que, comparativamente à região Sudeste, há predominância de empresas de menor porte na indústria de alimentos nestas regiões, incluindo o Nordeste.

Tabela 8 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de alimentos¹: 2008 a 2017

Estado	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Acre	0,2%	0,3%	0,2%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%
Alagoas	1,1%	1,0%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%
Amapá	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%
Amazonas	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	0,7%	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%
Bahia	4,5%	4,6%	4,8%	5,1%	5,1%	5,1%	5,2%	5,2%	5,1%	5,2%
Ceará	3,6%	3,4%	3,4%	3,4%	3,6%	3,6%	3,8%	3,7%	3,8%	3,8%
Distrito Federal	0,7%	0,7%	1,1%	0,9%	0,9%	0,8%	0,9%	0,9%	1,0%	0,9%
Espírito Santo	1,7%	1,8%	1,8%	2,0%	2,0%	2,0%	2,1%	2,1%	2,1%	2,1%
Goiás	5,0%	4,9%	4,7%	4,6%	4,7%	4,6%	4,5%	4,5%	4,4%	4,4%
Maranhão	0,8%	0,8%	0,8%	0,9%	0,9%	1,0%	1,0%	1,0%	1,1%	1,1%
Mato Grosso	2,0%	2,2%	2,0%	2,1%	2,1%	2,0%	2,0%	2,0%	2,1%	2,0%
Mato Grosso do Sul	1,3%	1,4%	1,3%	1,4%	1,4%	1,5%	1,4%	1,5%	1,5%	1,4%

Estado	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Minas Gerais	16,9%	16,5%	16,1%	16,1%	16,0%	16,0%	15,9%	16,0%	16,1%	16,3%
Pará	1,7%	1,7%	1,6%	1,7%	1,7%	1,8%	1,9%	1,9%	1,9%	1,9%
Paraíba	2,0%	1,9%	2,0%	2,0%	2,1%	2,0%	2,0%	2,1%	2,1%	2,1%
Paraná	9,3%	9,2%	8,8%	8,7%	8,6%	8,6%	8,6%	8,4%	8,5%	8,5%
Pernambuco	5,0%	4,9%	5,2%	5,3%	5,3%	5,2%	5,2%	5,1%	4,9%	4,8%
Piauí	1,1%	1,2%	1,3%	1,2%	1,4%	1,3%	1,4%	1,4%	1,4%	1,4%
Rio de Janeiro	3,9%	4,0%	4,1%	4,2%	4,1%	4,0%	3,9%	4,0%	4,1%	4,1%
Rio Grande do Norte	1,8%	1,9%	1,8%	1,9%	1,9%	2,0%	2,0%	2,0%	2,0%	2,0%
Rio Grande do Sul	9,8%	10,0%	9,8%	9,8%	9,7%	9,5%	9,3%	9,3%	9,3%	9,3%
Rondônia	1,0%	1,0%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	1,0%	0,9%
Roraima	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%
Santa Catarina	7,0%	7,0%	7,5%	7,2%	7,1%	7,2%	7,1%	7,1%	7,0%	7,1%
São Paulo	17,1%	16,9%	17,1%	16,7%	16,7%	16,9%	16,9%	16,7%	16,7%	16,7%
Sergipe	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	1,0%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%
Tocantins	0,6%	0,6%	0,5%	0,5%	0,5%	0,6%	0,5%	0,5%	0,6%	0,5%
Total	100,0%									

Fonte: RAIS (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Tabela 9 – Distribuição geográfica (%) dos empregos da indústria de alimentos¹ por UF: 2008 a 2017

Estado	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Acre	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
Alagoas	0,9%	0,8%	0,9%	1,0%	1,0%	1,0%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%
Amapá	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
Amazonas	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	0,8%	0,8%	0,6%	0,7%	0,6%	0,5%
Bahia	2,9%	2,9%	3,2%	3,4%	3,5%	3,7%	3,7%	3,6%	3,6%	3,8%
Ceará	4,6%	4,7%	4,4%	4,5%	4,3%	4,3%	4,3%	4,3%	4,4%	4,3%
Distrito Federal	0,5%	0,5%	0,7%	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	0,7%	0,7%	0,7%
Espírito Santo	1,8%	1,9%	2,0%	2,1%	2,1%	1,9%	2,0%	1,9%	2,0%	2,0%
Goiás	5,6%	5,6%	5,5%	5,4%	5,8%	5,7%	5,5%	5,4%	5,3%	5,3%
Maranhão	0,4%	0,4%	0,4%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,6%
Mato Grosso	1,4%	1,6%	1,5%	1,5%	1,5%	1,5%	1,5%	1,5%	1,6%	1,7%
Mato Grosso do Sul	1,0%	1,0%	1,0%	1,0%	0,9%	1,0%	1,0%	1,1%	1,0%	1,0%
Minas Gerais	13,3%	13,1%	13,4%	12,9%	13,1%	13,3%	13,3%	13,6%	13,7%	13,9%
Pará	2,5%	2,4%	2,4%	1,8%	1,8%	1,7%	1,9%	1,9%	2,1%	2,1%
Paraíba	1,2%	1,2%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,4%	1,4%	1,3%
Paraná	10,3%	10,4%	10,1%	10,1%	9,5%	9,8%	9,7%	9,3%	9,4%	9,4%
Pernambuco	3,7%	3,7%	3,9%	4,0%	3,9%	3,7%	4,2%	4,2%	4,1%	4,1%
Piauí	0,6%	0,7%	0,8%	0,7%	0,8%	0,7%	0,8%	0,9%	0,9%	0,9%
Rio de Janeiro	4,3%	4,4%	4,4%	4,2%	4,2%	4,0%	4,0%	3,8%	3,8%	3,6%
Rio Grande do Norte	1,5%	1,7%	1,6%	1,6%	1,6%	1,5%	1,4%	1,4%	1,4%	1,3%
Rio Grande do Sul	9,0%	9,1%	9,1%	9,3%	9,1%	9,0%	8,8%	8,8%	9,2%	9,0%
Rondônia	0,7%	0,7%	0,8%	0,8%	0,7%	0,7%	0,8%	0,8%	0,8%	0,9%
Roraima	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
Santa Catarina	5,5%	5,4%	5,6%	5,6%	5,5%	5,5%	5,5%	5,6%	5,7%	5,8%
São Paulo	26,4%	25,8%	25,0%	25,5%	25,8%	26,2%	26,1%	26,0%	25,6%	25,3%
Sergipe	0,8%	0,7%	0,8%	0,8%	0,9%	1,0%	0,9%	1,0%	1,0%	1,0%
Tocantins	0,3%	0,4%	0,4%	0,4%	0,4%	0,4%	0,3%	0,4%	0,4%	0,4%
Total	100,0%									

Fonte: RAIS (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

5 PERSPECTIVAS

Em termos de perspectivas de mercado, conforme citado anteriormente, os produtos alimentícios têm enfrentado um cenário de dificuldade de crescimento, especialmente em mercados-chave, tais como os Estados Unidos e a Europa Ocidental. O crescimento anual das vendas de alimentos embalados tem se mantido em níveis baixos, embora em 2018 as vendas de alimentos embalados tenham mostrado leve recuperação, com crescimento de 2%, atingindo um volume de vendas de US\$ 2,4 trilhões, crescimento este que foi o dobro do registrado em 2017.

Esse volume de vendas deve atingir US\$ 3,0 trilhões até 2023 (Euromonitor INTERNATIONAL, 2018b). Em linhas gerais, a realidade atual da indústria de alimentos é operar em um mercado de baixo crescimento, com grandes desafios para os maiores *players* do setor.

Em função dessa realidade, as empresas do setor precisam estar atentas a algumas tendências associadas aos produtos alimentícios embalados e, conseqüentemente, deverão direcionar suas estratégias de produção e distribuição ao encontro dessas tendências. Euromonitor International (2018b) destaca cinco importantes tendências, apresentadas no **Quadro 2**, bem como as implicações associadas a cada uma delas.

Quadro 2 – Cinco tendências associadas aos alimentos embalados

Tendência	Implicações esperadas no longo prazo
O consumo de impulso no varejo tradicional (supermercado) está declinando, à medida que os consumidores movimentam-se “on-line” e exploram canais alternativos.	No futuro, mais consumidores farão compras por meio de <i>smartphones</i> , dentro e fora das lojas, e experimentarão modelos de negócios sob demanda convenientes, como “clique e colete”, comércio eletrônico, entrega programada e melhor posicionamento.
Ingredientes naturais e redução de açúcar continuam sendo as principais prioridades dos consumidores de alimentos embalados.	O futuro verá uma reinvenção de alegações e ofertas baseadas na saúde, com menos afirmações sobre a funcionalidade e outros benefícios para a saúde, e mais ênfase em ingredientes limpos, embalagens transparentes e rótulos “limpos”.
Atores regionais na Ásia e no Oriente Médio ameaçam tomar parte do mercado das principais multinacionais.	A economia global testemunhou uma mudança de paradigma. Os países emergentes e em desenvolvimento responderão por dois terços do PIB global até 2030. Como resultado, as empresas de alimentos buscarão oportunidades na África subsaariana, nas cidades de segundo nível da China e no sudeste da Ásia.
Marcas de alimentos embalados estão se afastando de limitar-se a fornecer produtos, passando também a ofertar serviços.	Haverá uma mudança fundamental na forma como os consumidores de amanhã consumirão marcas. Uma marca que evoca uma resposta neutra e é consumida passivamente em “piloto automático” arriscará perder sua identidade. As marcas no futuro precisarão fornecer engajamento contínuo e formar uma conexão emocional com os consumidores para ficar no topo.
Considerações éticas terão importância crescente nas escolhas alimentares dos consumidores.	No futuro, o consumo ético se tornará mais integrado ao <i>mainstream</i> . Os consumidores modernos estão se tornando mais conscientes do ponto de vista ambiental, impulsionando o crescimento de alimentos à base de plantas, produzidos localmente e até mesmo alimentos cultivados pelos próprios consumidores.

Fonte: Adaptado de Euromonitor International (2018b).

Uma das maneiras que as empresas do setor, notadamente as maiores, estão tentando recuperar as margens em declínio, é por meio do aumento da penetração, sendo o E-commerce uma das principais estratégias utilizadas para tal. Já está claro que as vendas de valor dos alimentos embalados estão passando por uma rápida mudança para a Internet, com a China, o Reino Unido, a França e a Índia apontando para um futuro em que o e-commerce é responsável por uma parcela crescente do varejo. Outra tendência é as empresas oferecerem a chamada “jornada ideal do cliente”, associando as marcas a experiências de compras, fornecendo valor antes, durante e depois da compra, convertendo uma transação em um relacionamento (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2018a).

Adicionalmente, em termos mundiais, Euromonitor International (2018b) apresenta algumas oportunidades mais específicas para empresas da indústria de alimentos:

- Óleos comestíveis *Premium* na Ásia → Óleos saudáveis derivados de sementes e legumes *premium*, como azeitonas, coco e linhaça, redefinirão

o mercado na Ásia. Na China e na Coréia do Sul, mais de 30% das vendas de óleos comestíveis deverão vir de variantes *premium* até 2023. No Japão, os óleos alternativos devem representar quase metade do mercado de óleo comestível até 2023;

- Alternativas lácteas na América Latina → Alimentos sem lactose tiveram um forte crescimento na Europa, com alternativas ao leite podendo representar 21% do mercado total de leite até 2023. A próxima fronteira inexplorada dos lácteos é a América Latina, com previsão de os leites alternativos abarcarem 10% das vendas de leite no México, em 2023;
- Varejo na Internet e novos modelos de negócios → O comércio eletrônico já mudou o cenário de compras na Ásia-Pacífico, com a China e a Coréia do Sul aproveitando a onda. Com o avanço das tecnologias, inclusive com o uso de inteligência artificial, existe uma tendência de crescimento do uso desse canal de distribuição em todo o Mundo;
- *Snacks* de proteína na América do Norte → Embora haja uma forte mudança em direção a proteínas

alternativas, a carne ainda é central na América do Norte, e lanches à base de carne devem ter um desempenho muito forte nos EUA;

- Probióticos em todos os lugares → O mercado de probióticos mais amplo está apresentando fortes inovações, com culturas probióticas vivas apresentando cada vez mais produtos não lácteos, como barras para lanches, massas, misturas de panquecas, manteiga de amendoim e salgadinhos/batatas fritas.

Essas tendências apresentadas, que se aplicam ao mercado global de produtos alimentícios, também devem ser consideradas no mercado brasileiro e nos mercados regionais, inclusive do Nordeste, logicamente considerando-se também as particularidades locais.

Os líderes da indústria de alimentos embalados no Brasil continuam sendo empresas multinacionais, que participam de vários segmentos, como Nestlé, Mondelez e PepsiCo. Essas empresas têm continuamente perdido participação de mercado em valor de vendas em várias frentes. Em primeiro lugar, a crise econômica fez com que os consumidores se tornassem mais sensíveis aos preços e se reduzissem às marcas locais e produtos artesanais, que ofereciam preços mais competitivos. Em segundo lugar, houve uma mudança entre os consumidores para longe dos produtos maciçamente industrializados, o que causou uma queda nas vendas em categorias como as barras de cereais, enquanto as barras de frutas e nozes - dominadas por players nacionais - registraram um crescimento significativo. Olhando para esses dois direcionadores, a aquisição parece ser a resposta para alguns líderes do setor. Por exemplo, em períodos recentes, a Unilever comprou a fabricante de salgadinhos orgânicos Mãe Terra, e a Coca-Cola adquiriu a Verde Campo, uma marca de lácteos forte em produtos livres de lactose. As aquisições não são exclusivamente uma estratégia externa: o grupo cearense M Dias Branco tem aumentado sua participação no mercado graças à aquisição de outras empresas, sendo a última a forte empresa regional Piraquê, do Rio de Janeiro (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2018c).

Em termos de perspectivas para o mercado de produtos alimentícios no Brasil, podem ser enumerados tanto desafios como oportunidades. A perspectiva de crescimento das vendas abre espaço para fabricantes nacionais menores crescerem ao lado de corporações multinacionais que têm feito aquisições. As empresas devem inovar para permanecer relevantes nas mentes dos consumidores, que são cada vez mais investigativos e antenados, enquanto ainda atendem à sensibilidade ampliada da população em massa aos preços e barganhas. Os varejistas também enfrentam desafios e oportunidades ao responder à nova demanda do consumidor pela presença em diversos canais de distribuição que atuam de forma integrada, com formatos de lojas de conveniência cada vez mais relevantes em um mundo em rápida evolução.

De acordo com Euromonitor International (2018c), as

vendas de alimentos embalados no Brasil, em toneladas, devem crescer 16,2% entre 2018 e 2023, o que representa um crescimento de 3% ao ano, com destaque para o crescimento anual das refeições prontas (6,7%), e dos molhos e condimentos (5,5%). Apesar dessa perspectiva de crescimento, permanecem algumas preocupações importantes para a indústria de alimentos brasileira, especialmente em termos de progresso em relação à regulação. No final de novembro de 2018 um acordo foi assinado entre várias associações nacionais de alimentos e bebidas e o Ministério da Saúde, para reduzir o açúcar em produtos embalados de alimentos e bebidas até 2022. Outro fator que cria incertezas quanto ao futuro das vendas de alimentos embalados é a forte probabilidade de um novo sistema de rotulagem, que usa cores de semáforos para indicar teores de nutrientes potencialmente prejudiciais em alimentos processados, como os adotados no Equador e no Chile nos últimos anos.

Em linhas gerais, entende-se que a indústria de alimentos constitui um dos setores da indústria de transformação que mais necessitam de descentralização da produção, tendo em vista a perecibilidade dos insumos utilizados. Nesse sentido, as necessidades de investimentos e, conseqüentemente, de financiamentos, devem ser analisadas a partir do conhecimento da demanda local. Logo, vislumbra-se a necessidade de investimentos para a oferta de produtos alimentícios industrializados em estados que são mais isolados geograficamente em relação aos demais e possuem menor oferta desses produtos, tais como o Piauí e o Maranhão. Ademais, investimentos para a fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, e que estejam alinhados às tendências do mercado consumidor de produtos alimentícios, também são perfeitamente cabíveis.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS. **Números do setor – Faturamento**. Disponível em <https://www.abia.org.br/vsn/anexos/faturamento2017.pdf> Acesso em 14 Fev. 2019a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS. **Indústria de alimentos fecha 2018 com crescimento e geração de empregos**. Disponível em <https://www.abia.org.br/vsn/printnoticia.aspx?id=394> Acesso em 14 Fev. 2019b.

BDO United Kingdom. **The food and drink report 2017**. Disponível em <http://www.bdo.co.uk/getmedia/1c77e-27b-69eb-40ff-987f-9f1a597ddb7e/BDO-Food-and-Drink-Report-2017-May.aspx> Acesso em 13Mar. 2018.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI. **Indicadores industriais**. Disponível em <http://www.portal-daindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/> Acesso em 19 Fev. 2019.

DELLOITE. **Capitalizing on the shifting consumer food value equation.** Disponível em <https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/us/Documents/consumer-business/us-fmi-gma-report.pdf> Acesso em 23 Nov. 2016.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Food shopping reinvented: alternative business models in food and nutrition.** London: Euromonitor International, 2018a.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **World market for packaged food.** London: Euromonitor International, 2018b.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Packaged food in Brazil.** London: Euromonitor International, 2018c.

FUNCEXDATA. **Estatísticas de comércio exterior.** Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 06 Mar. 2019 (Acesso Restrito).

KÜSTER, N.; FOLEY, S. R.; CHASEN, R. Managing regulatory and compliance challenges in the food industry. **Risk & Compliance Magazine**, p. 1-13, Jul-Set 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa industrial anual – PIA Produto.** Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pia-produto/tabelas/brasil/2015> Acesso em 22 Fev. 2019.

RAIS - **Relação anual de informações sociais.** Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 25 Fev. 2019.

SERASA EXPERIAN. **Setorise Alimentos Novembro 2014.** Disponível em <http://d001www06/ambestudospesqaval/analisesetoriais/docs/setorise/brasil/Alimentos.pdf> Acesso em 17 Nov. 2016 (Acesso Restrito).

ANÁLISES DE 2018 DISPONÍVEIS

- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Produtos Apícolas - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Sucos - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Fibras e Têxteis - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Frutas, Nozes e Castanhas - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Produtos Florestal - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Grãos - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE - 03/2019
- Shopping Centers - 02/2019
- Energia Eólica - 02/2019
- Silvicultura - 02/2019
- Setor Sucroalcooleiro - 02/2019
- Apicultura - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: energia elétrica - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: saneamento - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: transportes - 01/2019
- Produção de coco - 12/2018
- Produção de algodão - 12/2018
- Rochas Ornamentais - 12/2018
- Energia solar fotovoltaica - 12/2018
- Turismo - 12/2018
- Setor de Serviços - 12/2018
- Cajucultura - 11/2018
- Bovinocultura leiteira: genética e economia - 11/2018
- Grãos: feijão, milho e soja - 11/2018
- Pescados - 11/2018
- Construção Civil - 11/2018
- Comércio 2018/2019 - 11/2018
- Setor hoteleiro no Brasil - 11/2018
- Café - 10/2018
- Petroquímica - 10/2018
- Vestuário - 10/2018
- Bovinocultura leiteira: cruzamentos - 10/2018
- Citricultura - 09/2018
- Floricultura - 09/2018
- Comércio eletrônico (E-commerce) - 09/2018
- Mandiocultura - 09/2018
- Couros e calçados - 08/2018
- Indústria siderúrgica - 08/2018
- Fruticultura - 07/2018
- Bebidas não alcoólicas - 07/2018
- Móveis - 06/2018
- Bebidas alcoólicas - 05/2018
- Carnes - 04/2018
- Saúde - 04/2018
- Alimentos - 03/2018
- Petróleo e gás natural - 01/2018

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2019

Título	Previsão
Panorama da agropecuária no Nordeste	fevereiro-19
Telecomunicações	fevereiro-19
Petróleo e gás natural	março-19
Micro e pequenas empresas	abril-19
Móveis	abril-19
Microgeração de energia	abril-19
Bovinocultura leiteira	abril-19
Tecnologia da informação	abril-19
Commodities agrícolas nordestinas	maio-19
Energia solar	maio-19
Hortalças: batata e tomate	maio-19
Locação de imóveis	maio-19
Saúde	junho-19
Grãos: feijão, milho e soja	junho-19
Carnes	junho-19
Comércio eletrônico	julho-19
Floricultura	julho-19
Couros e calçados	julho-19
Indústria de bebidas não alcoólicas	julho-19
Emprego e renda agrícolas	julho-19
Indústria da construção civil	agosto-19
Setor têxtil	agosto-19
Cafeicultura	agosto-19
Fruticultura	agosto-19
Indústria siderúrgica	agosto-19
Produção de mandioca – raiz, farinha e fécula	setembro-19
Rochas ornamentais	setembro-19
Vestuário	setembro-19
Indústria petroquímica	outubro-19
Cajucultura nordestina	outubro-19
Citricultura	outubro-19
Hotéis	outubro-19
Grãos: feijão, milho e soja	outubro-19
Comércio	outubro-19
Energia térmica	outubro-19
Aquicultura e pesca	novembro-19
Cocoicultura nordestina	novembro-19
Silvicultura	novembro-19
Turismo	novembro-19
Serviços	novembro-19
Algodão	dezembro-19